

ASSOCIAÇÃO FILINTO BASTOS

Fundada em 1º de maio de 1947
EX-alunos de Seminários Católicos
Salvador-Bahia

O Poeta Filinto Bastos

Conferência proferida pelo Dr. Fernando Pinto de Queiroz.
Escritor e membro da OAB em Feira de Santana - Bahia
Assembléia geral realizada na Igreja de Santa Tereza.
Em 12 de dezembro de 2002.

O POETA FILINTO BASTOS

Da figura - invulgar de FILINTO JUSTINIANO FERREIRA BASTOS, uma das facetas menos lembrada, pouco estudada e conhecida, e, por isso mesmo, reconhecida e exaltada, é a do poeta, que ele sempre foi, em verso e prosa.

Não se trata, no seu caso, de episódica exteriorização dos inspirados e sublimes sonhos e anseios da adolescência ou da mocidade, que a tantos conduziu ao reino encantado da poesia, nos impulsos incontidos da idade; muito menos representa um mero exercício para medida da inteligência e disciplina da linguagem, pelo enriquecimento do vocabulário - exigência da rima - ou o domínio do ritmo - consequência da métrica -, atributos dos grandes tribunos e dos melhores educadores.

A magnitude do desempenho do jurista - advogado, membro do Ministério Público, magistrado, professor e tratadista - ofuscou as muitas virtudes outras, diversificadas por suas características e pelos setores em que se manifestaram, de que foi portador, num conjunto às vezes até aparentemente contraditório por seus elementos constitutivos, mas, em verdade, de rara e bela harmonia, não fôra ele dotado daquela "superior capacidade de compreender e aceitar os contrastes da inteligência", a que se reportou JOSAPHAT MARINHO em palestra pronunciada no FÓRUM INTERNACIONAL DE DIREITO PENAL COMPARADO.

Como somente os autênticos grandes homens soem ser, FILINTO BASTOS afirmou-se pelo recato, a humildade, a modéstia, a compreensão, a tolerância, sem prejuízo da altivez, da coragem, da coerência, do saber profundo e atualizado, qualidades tantas que levaram ao julgamento definitivo por VIRGÍLIO DE LEMOS proferido, em 1916: "É UM SÁBIO EMBUTIDO NUM JUSTO", a que ORLANDO GOMES, em discurso de 15 de abril de 1939, quando de mais uma homenagem prestada ao que ele denominou de "MESTRE DOS MESTRES", falecido, aqui em Salvador, em 8 de fevereiro daquele ano, aduziu: "SÁBIO E JUSTO, CULTO E VIRTUOSO, A UM TEMPO, O TALENTO E A CULTURA NÃO LHE SOMBREARAM O CAMPO MORAL DA AÇÃO, MAS, O ILUMINARAM COM FULGORES DE ALVORADA"; contudo, ocupante aureolado das cumiadas, pela dignidade e pelo saber, viveu "COMO SE PEDISSE DESCULPA POR SEU RELEVO", como acentuou JOSAPHAT MARINHO.

Tinha FILINTO aprendido a se bastar com o ser, não se abastardando com o parecer.

Teria que ter sido como foi: não um fruto aleatório do destino, mas um predestinado, como pressentiram seus pais ao lhe conferirem, na pia batismal da Matriz de Santana, em cerimônia presidida, em 10 de dezembro de 1857, pelo Vigário JOSÉ TAVARES DA SILVA, conferiram, repito, o prenome, prenúncio da vocação vitoriosa, ou das tendências maternas, cujos valores se agregaram ou se revelaram no processo de formação de sua personalidade.

Com o FILINTO (não esqueçamos de FILINTO ELYSIO) e o JUSTINIANO (o grande jurista) do prenome, que também lhe pertencia, o pai lhe transmitira o ex-

libris dos BASTOS, em que, afirmativa e profeticamente, se lia: "NÃO SE RENDE", mensagem por ele honrada em todo o curso de sua invejável existência.

A influência materna e paterna, conquanto diretamente exercida em curto espaço de tempo, eis que, nascido em 11 de dezembro de 1856, já em Feira de Santana falecia, em 23 de agosto de 1860, sua mãe estremosa, a também feirense, como ele, MARIA ALVINA D'OLIVEIRA, natural da Freguesia de Nossa Senhora dos Humildes, e seu pai, o abastado negociante português JOÃO JUSTINIANO FERREIRA BASTOS, morria, em 20 de julho de 1863, quando se achava em Afife, Viana do Castelo, Portugal, essa tão pouco duradoura convivência deixou-lhe marcas inesquecidas, tendo ele próprio, FILINTO, lamentado somente ter-lhe sido permitido fruir "por poucos anos as carícias de meus paes", falta, competente e decisivamente, suprida, na orfandade, pelos magníficos exemplos que lhe foram propiciados "por uma santa, que me serviu de mãe" (suas as palavras de reconhecimento), a tia e tutora, irmã de seu pai, QUITÉRIA FLORÊNCIA DOS ANJOS BASTOS, a quem JOÃO JUSTINIANO, por disposição testamentária, recomendou, com expressiva preocupação e o mais alto descortino, / que todo o possível fosse feito "quanto a sua educação (de FILINTO e sua irmã ELVIRA) afim de que quando algum dia cressão desconhecerão esse mal tão pernicioso da ignorância" (O testamento é de 11 de março de 1863, datado da Villa de Feira de Santana).

Fora do lar, sua potencialidade intelectual, o conhecimento das letras e ciências, a aprendizagem das regras de convivência social, as lições de catecismo que lhe aperfeiçoaram as naturais tendências de solidariedade humana, de simplicidade de viver, de piedade e caridade, de amor ao próximo e à natureza - obras de Deus -, como o sentimento do justo, do correto e do belo, estiveram sob a responsabilidade de duas figuras exponenciais, que lhe burilaram a inteligência e o caráter, estimularam-lhe a sensibilidade, consolidaram-lhe a nobreza de sentimentos, forjaram-lhe, enfim, a personalidade, que, não demoraria muito, iria afirmar-se, em toda a sua plenitude, na Bahia e fora dela.

Deixemos que FILINTO mesmo nos conte:

"Como se fosse agora, mesmo que dirigis-
se meus passos para a escola publica, onde nesta então
villa inicie os meus estudos, tendo diante dos olhos
a figura sympathica e intelligente do Professor Luperio
Leolindo Pitombo, competente, como os que mais o podiam
ser, na difficil tarefa de inocular no animo das crianças,
com os ensinios da aula primaria, as boas normas da educação
e da moral religiosa.

Zeloso no cumprimento dos deveres, saben-

... ue prompto, na physionomia de cada alumno as suas tendencias, os seus desvios, ou a sua capacidade, ia racionalmente afeiçoando o discipulo ao seu methodo de ensino, e raro aconteceu ficar sem resultado o seu esforço. Assiduo, attenuando os rigores dos atrasados processos pedagogicos de antanho; attendendo a um systema que era seu e que fazia com que o alumno não se cansasse, nem aborrecesse os livros; o Professor Luperio foi esforçado paladino da instrucção primaria entre nós."

Mais adiante:

1867
"Lembro-me que, ao sahir da escola publica, aos dez annos, por me haver considerado prompto o meu saudoso mestre, um jovem sacerdote zeloso e illustrado, em 1867, fundava aqui um collegio de ensino primario e secundario.

Physionomia franca, bondosa, communicativa, sabendo attrahir sem esforço nem artificio, o padre recém-chegado cuidou logo de levantar o nivel da educação religiosa, ao mesmo passo que lhe merecia carinhosa attenção a cultura intellectual da mocidade feirense."

Tratava-se, estamos a ver, do PADRE OVÍDIO ALVES DE SÃO BOAVENTURA, o benemérito feirense nascido em 23 de julho de 1842, que à terra natal "chegou em boa hora."

13)
Em 1870, contando 14 anos de idade, FILINTO ingressou no Seminário Santa Tereza, na Capital desta então Província da Bahia, e nele, em 1875, concluiu o curso de "sciencias ecclesiasticas"(curso teológico), e, após aprovação nos exames preparatórios prestados na Faculdade de Medicina da Bahia, matriculou-se, em 1878, na Faculdade de Direito de São Paulo, onde participou, decididamente, do movimento abolicionista acadêmico, tendo sido o primeiro presidente da SOCIEDADE EMANCIPADORA DE SÃO PAULO, e, ao ensejo da homenagem prestada, na academia paulista, com publicação de boletim especial, em 10 de julho de 1881, a CASTRO ALVES, no decenário de sua morte, contribuiu com o artigo intitulado "O POETA DOS CAPTIVOS", um poema em prosa, iniciado com estas palavras: "Fazer das alvinitentes plumas do archanjo da inspiração aza poderosa, que transporte ao paraizo do ideal de pura phantasia, é arrojado sublimado dos eleitos do Talento; mas, com ellas librar-se sobre o abysmo onde contorcem-se a afflicção e o desespero, personificados nos escravos, agitando-as para amenisar-lhes os supplicios, e para traçar contra os apostolos da injustiça caracteres de execração, energicos como os do festim de Balthazar, é a obra gigantesca dos Prophetas do Bem e da Humanidade. A essa legião de predestinados pertenceu Antonio de Castro Alves."

Em 1882, seguiu para Recife, ali obtendo, em 30 de outubro daquele mesmo ano, o grau de bacharel por sua também tradicional e conceituada Faculdade

de Direito, integrando a turma de que, entre outros nomes ilustres, participaram CLOVIS BEVILAQUA, JOSÉ XAVIER CARVALHO DE MENDONÇA e URBANO SANTOS DA COSTA ARAUJO. Registre-se que, em Recife, continuou sua luta em prol da causa abolicionista, com tal relevo que, tendo deixado de pronunciar o discurso programado para o festival do CLUB ABOLICIONISTA, realizado à noite de 28 de setembro de 1882, no Teatro Santa Isabel (discurso publicado com corajosa explicação de FILINTO), mereceu de seus colegas de Academia homenagem pública de grande repercussão, como noticiado pelos jornais da época, descrevendo a passeata empreendida pelos estudantes, desde o jardim da Praça Pedro II, tendo à frente a banda marcial do Arsenal de Guerra, até a rua da Palma, onde se hospedava o homenageado. Não terá sido sem razão que o também estudante bahiano PEDRO VERGNE DE ABREU, seu contemporâneo de Faculdade, escreveu, na dedicatória de "O REVERSO DA CRITICA", publicado em 1882: "Ao distinctíssimo amigo e talentoso comprovinciano Filinto Bastos, o segundo poeta dos escravos", naturalmente que respeitando a primazia de CASTRO ALVES, e conhecendo esse soneto de FILINTO, com o título "CENA COMUM", datado de 28 de setembro de 1882:

"A geada cortante desfolhava
O belo cafezal, de madrugada,
E da sineta a forte badalada
Da fazenda os escravos despertava.

Envolto na baeta avermelhada,
Cada qual o seu catre abandonava,
E com a mão, que o frio enregelava,
Este levanta a foice, aquele a enxada.

Um escravo gemeu, cheio de dor...
"O que tens, ó ladrão, negro manhoso?
Pergunta em rudes vozes o feitor.

O escravo gemeu... Vertiginoso
Um chicote batia, com furor,
No cadáver do negro desditoso."

Vê-se que "dentro do seu peito ardia uma alma de poeta, um coração revoltado contra as injustiças e um espírito pronto a receber todas as manifestações para o bem", como acertadamente escreveu FERNANDO ALVES, seu ex-aluno e mais completo biógrafo (A JUSTIÇA ATRAVÉS DE UM JUIZ), que fez questão de registrar sua perplexidade:

"Não sei, e até hoje ainda não me foi dado investigar, o motivo porque FILINTO JUSTINIANO FERREIRA BASTOS, tendo-se revelado como poeta, cultivado a poesia, amado e endeusado certos poetas como Virgílio, Dante, Shakespeare, Castro Alves, Junqueira, sido

amigo e companheiro de Raimundo Correia, Augusto de Lima e Sales Barbosa e de outros aedos, haja abdicado dessa tão nobre arte glorificadora de tantos brasileiros românticos e parnasianos.

Modéstia? Conhecimento da pouca valia dos versos e aquele senso admirável que sempre o acompanhou pela vida, o motivo de afastar-se da luminosa estrada palmilhada pelos Vicentes de Carvalhos e Raimundos Correias? Seria o fato de viverem, naquele tempo, os maiores poetas do Brasil, e o ilustre feirense, sendo príncipe nas demais manifestações do pensamento, preferia desaparecer para não ocupar lugar subalterno?"

Conhecendo, como conheceu, grande parte da produção literária, em prosa e verso, publicada ou inédita, de FILINTO BASTOS, estamos convencidos de que, hoje, mais amadurecido, FERNANDO ALVES não manteria, naqueles mesmos termos, o que escreveu em 1956, quando, premido pelo meritório desejo de homenagear a memória do mestre insígne, escrevendo e publicando a biografia que faltava e que se tornou, sem dúvida, o grande marco dos festejos comemorativos do transcurso do primeiro centenário de seu nascimento, a ele, FERNANDO, não sobejaram tempo e tranquilidade que lhe propiciassem uma visão crítica mais acurada não só da obra como da personalidade de FILINTO BASTOS, cuja vida, obra e personalidade, por sua grandeza e multiplicidade de aspectos oferecida, constituem permanente desafio para seus admiradores.

Em verdade, FILINTO nem abdicou da poesia nem jamais o faria em razão de estar convencido de não poder reinar ao lado dos poetas maiores, enquanto príncipe em outras diversas manifestações do pensamento, pois a vaidade nunca figurou entre os componentes de sua notável personalidade, de que, ao contrário, a humildade era predicado marcante; sabia que "não era...poeta de grande porte, mas escrevia bem. Tinha sentimento. Metrificava com felicidade e dominava a difícil arte da poesia", como bem o definiu o próprio FERNANDO ALVES reconhecendo que "dentro do seu peito ardia uma alma de poeta", que se fez notada, dizemos nós, sem preocupação de aplausos, toda vez em que sentiu necessidade de exteriorizar o fruto bendito de sua inspiração, poeta que sempre foi, repetimos, em verso e prosa.

Vejamos como aquele "segundo poeta dos escravos", proclamado e aclamado em 1882, estudante em Recife, ressurgiu no Promotor Público de Camisão, atual Ipirá, em 1883, com o canto bucólico de ITABIRABA:

Qual vela de navio, ao longe, pardacenta,
Que aos beijos de suave aragem bonançosa,
Do largo mar co'a onda azul e preguiçosa,
Além, brincando vai, tranquilla, mansa, lenta;

E o pensamento arrasta à região formosa,

Lá onde a phantasia o solio d'oiro assenta
- Regio alcaçar de luz, que nossa alma aviventa,
Na quadra juvenil - de amores dadivosa;
O' filha do sertão, o' rocha sobranceira,
Assim foi que te vi - o sol já declinando,
Gentil Itabiraba, ao longe, a vez primeira!
E vendo-te, senti que o alado pulchro bando
De minhas illusões, sonata alviçareira
De glorias e de amor, nessa hora ia cantando.

Magistrado, de 1884 em diante, em sua longa e brilhante carreira, do interior à Capital, a FILINTO bem que me poderia referir como a ADALÍCIO COELHO NOGUEIRA, também poeta e magistrado, se reportou o ilustre Acadêmico WALFRIDO MORAES, ao ingressar na Academia de Letras de Bahia:

"Parece ainda que estou a vê-lo, assim, na sua postura e compostura de tribuno raiño, conduzindo nas mãos não a espada e a balança da justiça que, segundo Jering, simbolizam e encarnam os elementos da força e do poder de coerção; mas os gestos e sentimentos, as mensagens mais sublimes do direito formulado e por ele humanizado com sentimento de poeta."

Aquele sentimento, por exemplo. com que, julgando em Amargosa, como que a relembrar o arauto da justiça social dos bancos acadêmicos, registrava, em 1888:

Retira-se do andaime o derradeiro
Mastro e se ostenta rica, esplendorosa,
Do palacio a fachada majestosa -
A obra concluíra habil pedreiro.
Mas, ao ser ventá ponta de um madeiro,
Que o andaime formava, desastrosa,
Parte a cabeça, e onda impetuosa
De sangue barba então ali o obreiro.

A veste do pedreiro está manchada
De escuro barro e a cal rasga-a sem pena
Mas ... ei-la a deslumbrar linda fachada!
É tudo assim no mundo, onde a serena
Coluna do progresso está plantada
Em base que de lodo e sangue é plena.

Ainda em Amargosa, surpreendemos o lírico de "REVERSÃO DA MEDALHA" ou de "REFLEXOS", de setembro de 1887, cantando a mulher amada:

Vi-te, mulher! Ousei pensar que inda serias
A eleita de mim' alma, a luz de meu porvir.
Julguei achar em ti as dôces harmonias,
Que faz vibrar o amôr, que o amôr nos faz ouvir.

Ah! quanta vez te vendo o cutis delicada,
As faces como o arminho, e os labios de coral,
Teus olhos, cuja luz tão dôce e tão quebrada
Tem uns longes de lua, e uns toques de crystal;

Co'o peito em commoções, de todo já rendido,
À phrase mais ligeira, ao mais ligeiro tom
De tua linda bôcca, eu via resolvido
O problema do amôr suave, casto e bom!

Confidenciando:

A teu seio inclinado, immerso em aureas tranças,
Sentindo-te, gentil, arfar o coração,
Cheio de imenso ardôr, as minhas esperanças
Abriam-se, a sorrir, do magico botão. ("REVERSO DA MEDALHA")

Relembrando, no outro poema:

Eu vejo-a a reflectir no oval do espelho,
Que lhe orna a sala principesca e linda,
Desde a face gentil de graça infinda,
Desde a cambraia que lhe amolda o joelho,
Té seu pé tão pequeno e tão catita

Envolto na sandalia,
Que ella, mimosa, com meiguice agita
Qual a rubente dhalia. ("REFLEXOS")

Foi vasta a produção poética de FILINTO em Amargosa, onde, por sinal, constituiu sua família, casando-se, em cerimônia celebrada pelo Conego Vigário J. SOARES PORTELLA, em 10 de janeiro de 1891, na Fazenda Timbó, com o testemunho de JOSÉ ANTONIO TORRES DA SILVA e IDELFONSO FERNANDES DA S. BASTOS, com CAROLINA DA SILVA ROCHA, natural de Amargosa e filha de JOSÉ FELICIANO DA ROCHA e JANUÁRIA CAROLINA DA SILVA ROCHA

Quando Juiz em Caetité, FILINTO produziu inúmeros trabalhos poéticos, a exemplo de "PERSPECTIVAS", "ENTRE PRIMOS", "ULTIMOS VERSOS", causando-nos admiração a tradução do inglês para o português do poema de LORD BYRON, com o título "A GIAOUR (FRAGMENTO DE UMA NARRATIVA TURCA)", com 1.332 versos alexandrinos perfeitos, rímadados, com a melhor qualidade, em parselhas, façanha realizada de 10 de julho a 16 de agosto de 1890, pouco mais de um mês. Aliás,

dominando, como dominava, o latim, o francês, o italiano e o inglês, traduziu para o português, além do LORD BYRON, o Papa LEÃO XIII (PRIMEIRA PARTE DA EPÍSTOLA A FABRICIO RUÍO, composta em versos latinos), ALFREDO MUSSET ("IMPROVISO" e "ADEUS", entre outros, versos escritos em francês, é evidente) e outros consagrados poetas.

Não deixemos de admirar a atividade poética de FILINTO em Salvador, para o qual Comarca fôra promovido por ato de 3 de agosto de 1892, registrando que, em meio às atribuições do concurso para a cátedra de Direito Civil da Faculdade de Direito da Bahia, e do outro para o Tribunal de Apelação e Revista, atual Tribunal de Justiça da Bahia, com elaboração de teses de méritos proclamados, publicou poesias diversas, como o poema "JANEIRO", a nos lembrar as festas natalinas de sua Feira de Santana, repetidas nos bairros tradicionais da Capital:

Chegou Janeiro. Campos em fôra
Quantas delícias, quanto folguedo!
A passarada pelo arvoredado,
Em amavios, aguarda a Aurora,
Para contar-lhe gentil segredo.

O sol surgindo, rompe a harmonia!
Como que em tudo se desenrola
Verde esperança que nos consola...
Nota-se em tudo santa alegria.
Como dos prados o olôr se evola!

Pomos doirados colmam os ramos.
Doces mangabas, cajús cheirosos,
Mangas e jambos apetitosos,
Dão aos meninos e aos gaturamos
Puros manjares deliciosos.

Passam os ranchos dos trovadores
E das pastoras das janeiradas.
Junto à lapinha são entoadas
Festivas lôas, e olentes flores
Pelo presepe são espalhadas.

Mais tarde, ao largo, rufa o pandeiro
Que o alegre rancho tanto desperta...
Guapos mancebos, moçoila esperta,
O -Reis - entoam alviçareiro
Até que a porta lhes seja aberta...

Da casa os donos vêm, jubilosos,
Dar-lhes entrada. Geme a viola;
O prato estridulo e a castanhola
A festa augmentam; estrepitosos
Applausos fervem; o lundú rola.

É tudo festa neste Janeiro,
O mezdadas luzes, das esperanças! -
Remoça o velho vendo as cheganças...
Nem tempo existe mais prazenteiro
Já p'ra os rapazes, já p'ras crianças.

Chegou Janeiro! Campos em fóra
Resôa a festa. Surgiu o dia
Tão desejado; reina a alegria;
Entorna encantos a rosea Aurora;
Em tudo vibra santa harmonia!

Em benefício dos festejos da Padroeira de sua Feira de Santana, FILINTO pronunciou, à noite de 30 de junho de 1917, no Teatro Santana, aplaudida conferência, publicada com o título de "RECORDAÇÕES E VOTOS", naquele mesmo ano, em que, poeta e profeta - não será redundância? - , concluindo, afirma:

" Não verão talvez meus olhos, mas vêl-o-ão muitos de vós, sobre este soberbo planalto saluberrimo, perfumado pelos alecris, pelas angelicas sylvestres, pelas candeias de ramos olorosos, delicia das infatigaveis abelhas; pompeando fascinante deslumbramento, em suas tardes de verão, quando na sége de purpura, entre fulgurações indescritiveis, atirando pelo espaço, como um louco e prodigo nababo, as riquezas de pedrarias multicores, se esconde o sol nas quebradas da serra não distante; contemplando a belleza da "magnolia do céu" em poeticas e suaves noites de luar, de ineffavel poesia; sim, meus senhores, meus olhos talvez não possam contemplar, mas verão muitos, com certeza, altear-se sobre este formoso planalto uma cidade rejuvenescida, movimentada, opulenta, aureolada das luzes da instrucção e do saber, ostentando as joias que lhe offertou a natureza e que o amôr da patria, consagrado pela civilização, poliu e aperfeioou, para lhe realçar a belleza, esmerando-se em adornal-a carinhosamente, com extraordinaria sollicitude, como se o fizesse á propria "noiva do sol".

Eis FILINTO BASTOS, um poeta, em verso e prosa, inspirado pelas belezas naturais e pelas tradições interioranas, valores da vida campestre, que

ele vivenciou, incorporou a sua personalidade e nos transmitiu com acendrado amor e profunda sensibilidade, chegando a atingir os limites da profecia escrita com as cores da esperança, aliando o bucólico ao lírico e se completando com o competente tradutor de textos poéticos escritos nos mais variados idiomas., merecedor de nossa profunda admiração não somente pelo grande jurista que foi, mas, também, inspirado poeta que soube ser.

Palestra pronunciada por Fernando Pinto de Queiroz, em 12 de dezembro de 2002, no Museu de Arte Sacra da Bahia, a convite da ASSOCIAÇÃO FILINTO BASTOS, com sede na Cidade do Salvador.